

# A ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

## PARIS

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 13, QUAI VOLTAIRE

Dirigir todos os pedidos de assignaturas e numeros  
avulsos : em Portugal ao sr. DAVID CORAZZI, 42, rua  
da Atalaya, LISBOA ; e no Brazil, ao sr. JOSÉ DE  
MELLO, 38, rua da Quitanda RIO DE JANEIRO.  
Preço do numero à Paris, 1 franc.

6.º ANNO. — VOLUME VI. — N.º 18

PARIS 20 D'AGOSTO DE 1889

Gerente em Portugal e Brazil : DAVID CORAZZI.

## RIO DE JANEIRO

JOSÉ DE MELLO, 38, RUA DA QUITANDA.

### ASSIGNATURAS :

ANNO (CÔRTE) . . . . .	12.000 REIS
SEMPRE (CÔRTE) . . . . .	6.000 —
ANNO (PROVINCIA) . . . . .	14.000 —
AVULSO . . . . .	500 —



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — OS ESTRANGEIROS CONTEMPLANDO A TORRE EIFFEL DAS TORRES DO TROCADERO.





## CHRONICA

### O PHONOGRAPHO DE EDISON

**A**SSISTI ha dias á curiosa exhibição d'uma nova maravilha que traz a assinatura de Edison. Essa maravilha chama-se — o Phonographo.

Muitos dos que me lêm devem estar lembrados do espanto que ha cerca de dez annos causou em Lisboa o primeiro « phonographo » Edison. As experiências tiveram lugar nas salas da Sociedade de Geographia. Fallava-se o esse phonographo por meio d'uma especie de porta-voz invertido. Os sons faziam vibrar um estylo que se ia cravar sobre uma delicada folha de estanho, que envolvia um cylindro movido pela electricidade. E quando o phonographo devia reproduzir os sons que lhe haviam transmitido, — o phonographo reproduzia-os por meio do porta-voz, mas n'um tom tão fahoso, tão canna rachada, tão *bêlé* de molins e folie, que muitos dos famosos oradores lisboenses que do phonographo haviam aproximado, sabiam furiosos das salas da Sociedade, ouvindo a sua voz assim tão ridiculamente reproduzida, as suas bellas phrases de occasião caricaturadas com a mesma incoherencia de sons, com que seus narizes são caricaturados todas as semanas pelos diabolicos lapis de Bordallo pae e filho...

Esse primeiro phonographo de Edison não passava d'uma tentativa — tentativa que muito sabio desejaria ter feito. O famoso inventor americano procurava apenas provar ao mundo, que o som se podia archivar e fazer ouvir mais tarde, como se guardado pela photographia a imagem d'um objecto ou d'um individuo, conservando-se essa imagem indefinidamente.

Hoje, porém, podem socorrer os famosos oradores lisboenses, por que a sua voz não será posta em caricatura pelo phonographo de Edison. O primeiro apparelho desapareceu. Temos agora um outro, aperfeiçoadissimo, onde a voz é reproduzida ainda com maior nitidez, com maior clareza, guardando o timbre particular a cada individuo, do que no mais aperfeiçoado e mais poderoso telephone.

Poetas, podeis-lhe murmurar ao ouvido as vossas trovas mais sentidas... Oradores parlamentares, podeis-lhe vociferar algumas d'aquellas ferozes apostrophes, com que costumais assustar e fazer estremecer as velhas paredes de S. Bento... Criticos de botiquim, podeis-lhe silvar baixinho os vossos odios, as vossas invejas, todas as coisas nojentas que vós sois capazes de forjar contra aquelles que trabalham e caminham de cabeça levantada... Meninas da Baixa — o adoráveis meninas da Baixa! — podeis-lhe confiar os gemidos do vosso piano, os soluços que sahem do vosso peito, os delambidos « ah! » que de vossos labios se evolvam; os protestos d'amor que vós deixeis cair da altura dos vossos tercios andares, sobre as orelhas cobelladas de varios sargentos aspirantes!...

O phonographo não mais fará a caricatura da vossa voz. Os vossos berros, os vossos gemidos, como os vossos assobios, tudo se pode archivar, e tudo se pode ler ao anno 3000. Senhores berradores da camera, a posteridade é vossa! Não só tendes o direito de berrar hoje, mas também tendes o direito de continuar berrando pela estrada dos seculos fóra, como se ali presentes fosseis...

Ainda ha dias ouvi uma aria cantada a um

piano, aria que o mesmo phonographo já havia reproduzido mais de 600 vezes!

Foi na immensa nave do palacio das machinas, que eu assisti a uma audição do novo phonographo.

E' nesta immensidade de ferro e de crystal, por entre milhares de machinas, algumas verdadeiras colossos, que se achou installada uma cabine tendo inscripta nas quatro faces a palavra *Edison*, em letras d'ouro sobre fundo preto.

Dentro da cabine, cabem apenas umas dez pessoas. Ao centro uma meza. Sobre a meza uma caixa com pequenas cylindros que parecem leitos de cera, — e mais o « phonographo », S. ex. « o Phonographo », o grande successo de Paris e de Londres, por cujas academias e sociedades scientificas elle tem andado, reproduzindo a saudição de Edison aos sabios da Europa...

O phonographo actual tem as mesmas dimensões do antigo. Não tenho a pretensão de lhes descrever agora o apparelho, com todo o rigor d'um physico; nem tão pouco esta chronica se destina aos sabios.

Na minha qualidade de espectador ignorante dos segredos da physica, e mais dos mysterios dos apparelhos electricos, devo dizer-lhes que a differença do antigo para o actual phonographo consistiu para mim na substituição da lamina d'estanho por cylindros que parecem de cera, e que se introduzem no cylindro do apparelho onde o estylo receptor deve imprimir os sons; e na substituição do porta-voz que reproduzia os sons, mas fahosos, por um ramo de tubos de borracha, assentando a raíz d'esse ramo sobre o bocal do phonographo, e collocando os ouvidos os dois extremos de cada ramificação dos tubos de borracha nos ouvidos, como fazem os surdos com os bicos das conchas acusticas. E assim, dez ou mais pessoas, estão ouvindo com a maior clareza o discurso que se proferia, a poesia que se recitava, o canto ou o assobio que se executava, e até mesmo a musica que ao longe está executando um piano, ou uma banda militar ao ar livre...

Os discursos que o phonographo me reproduziu pouco me surpreenderam, a não ser no que diz respeito á clareza da voz e ao timbre, que é conservado com uma exactidão admiravel. Mas o que deveras me surpreendeu, foi quando estava sentado, de braços cruzados, com os dois tubos de borracha suspensos dos ouvidos, os tubos terminam por dois tubos de vidro em forma de colherete, para se podessem suspender facilmente, e comecei a ouvir uma banda militar executando admiravelmente a *Marsellêze*; e ainda mais: quando depois de mal termino o hymno, uma multidão cuja existência eu até ali havia ignorado, rompeu em *hurrahs*!, em *pahs*!...

E eu assistia em Paris, a uma audição da *Marsellêze*, executada por uma banda militar em Nova-York! E ouvia em Paris os *hurrahs* e as *pahs*!, com que essa multidão, em Nova-York, havia acollido a execução da *Marsellêze*!

Entusiasticamente, arrebatados pelo heio da musica e pelo entusiasmo da multidão de Nova-York, nós, os ouvintes ali presentes, também começamos a applaudir furiosamente, em face d'aquelle maravilhoso apparelho que assim nos proporcionava as coisas mais extraordinarias, mais phantasticas e mais imprevistas.

Este anno começam na Europa as applicações do phonographo. Em todos os paizes se estão formando companhias para terem o exclusivo da exploração.

O phonographo vai ter tantas applicações importantes, como tem o telephone. Cada palavra, uma vez proferida diante do phonographo, passará a ter o mesmo valor das palavras que se escrevem em papel sellado, nos noutos d'um tabellão.

Vão começar a ter phonographo os tribunaes, camaras municipais e parlamentares. Depois seguir-se-hão os escriptorios do commercio. Quando um sujeito recomendar um negocio, deverá ter o maior cuidado com o que disser e com o que proferir, attis o phonographo lá está para reproduzir, até 600 vezes, o que ouviu, e obrigar o sujeito a cumprir com a sua palavra.

O phonographo vai d'aqui para o futuro exercer no meio das gentes uma influencia bem mais poderosa, que a que exercia esse outro phonographo inventado pelos velhos moralistas, e que mais vulgarmente se conhece pelo nome de — *Voz da Consciência*.

A *Voz da Consciência* ficou hoje posta a um canto... Não é para a consciencia de ninguém que d'aqui para o futuro ha de apellar a nossa geração, nem as gerações vindouras. Já é escusada a consciencia — esse velho phonographo dos ingenhos — e mais dos tolos! Contra quem se invocava a *Voz da Consciência*?... Contra a espezença e o disfarce dos finojos, dos espertalhões, dos intrujes e dos mentirosos; contra a ausencia de memoria de todos os egoistas, de todos quantos falsavam nos seus compromissos, de todos quantos se mostravam esquecidos das suas palaxas e das suas promessas...

Eu *Voz da Consciência*, o Arrependimento, o Remorso, todas essas velharias que só hoje servem de assumpto a moralistas de agua doce, e a poetas sem Musas com quem correr de brago dado pelos bosques mysteriosos da Phantasia e do Amor, — todas essas velharias fallavam, de cada vez que alguma causa justa estava em perigo.

Agora temos o phonographo. Hoje temo-lo em cima d'uma meza, para surpreender a voz dos grandes palcadores, a voz dos cantores e os sons dos instrumentos. A machina havemos de tel-o de tamanho d'uma machina photographica d'algebra, — phonographo para apunhar segredos, conspirações, dialogos d'amor...

Meninas da Baixa, o mundo é vosso, graças ao phonographo de Edison! Acabaram-se as trovas; acabaram-se as mentiras; acabou-se a cru das palaxas que se diem sem convicções... O velho ditado — « palaxas levam o vento » — também morreu! Já não ha vento, nem ventanilha, nem vendaval, por mais forte que seja, que possa levar uma palaxa, uma syllaba, um simples « ai »... o simples ruido mysterioso e suave d'um beijo — que o phonographo não surprehenda immediatamente, para o repetir intacto nos seculos que hão-de vir...

E quando um jovem imprudente, mas maior de 21 annos, disser altas horas, cá da rua para a janella d'um terceiro andar, onde se agita uma cabecinha morena: — « Amo-te de todos o meu coração! Só tu soas minha, e para mim as outras mulheres s'encolhem tão indifferentes como o imperador da China ou o sulão de Zanzibar!... » — Que esse jovem imprudente, mas maior de 21 annos, se acanete do phonographo...

Assim como a machina de costura foi a salvagão de tanta rapariga bonita que não sabia que fazer de seus pés e de suas mãos; assim o phonographo vai ser a salvagão de todas quantas deem ficeis ouvidos a palavras que o vento leva...

Sob este ponto de vista, as vantagens do phonographo já são incalculáveis.

Mas ainda mais o háo de ser, quando um damado investigador de coisas politicas se lembrar de passar em revista, a uma audição publica, os rôllos aonde estiverem gravados os discursos d'aquelles paes de patria, cujas opiniões e cujo patriotismo variam, conforme os interesses e as exigencias das suas respectivas e insondáveis barrigas...

Oh! então é que o phonographo ha de ser o espelho da Verdade, — e mais ou val Humanidade!...

MARIANO BINA.





## AS NOSSAS GRAVURAS

## A EXPOSIÇÃO DE PARIS

**C**ONTINUAMOS hoje a serie das nossas gravuras acerca da Exposição Universal, gravuras que tão grande successo tem obtido tanto em Portugal como no Brazil.

Promettemos ao publico que a Illustração havia de ser, em lingua portugueza, o album mais completo da Exposição de 1889, — e paremos que nos podemos orgulhar de termos cumprido em larga escala com a nossa promessa.

No passado numero da Illustração viram os nossos leitores o Pavilhão Portuguez do quai d'Orsay, e aspectos interiores da deslumbrante instalação devida ao talento de Bordallo Pinheiro. Estas gravuras eram acompanhadas das retratos dos commissarios portuguezes que mais contribuíram para o bom exito da nossa exposição agricola e colonial.

Hoje vamos mostrar ao publico outros assumptos não menos interessantes.

Começamos por um curioso desenho do grande artista e grande humorista Vierge.

Nesta pagina d'uma vez tão brilhante, mostramos Vierge:

## OS ESTRANGEIROS CONTEMPLANDO A TORRE EIFFEL DAS TORRES DO TROCADERO.

O palacio do Trocadero que foi construido expressamente para a Exposição Universal de 1878, acha-se collocado em frente do Campo de Marte, e por consequencia, mesmo em frente da famosa torre Eiffel de 300 metros d'altura.

Ora os visitantes da actual Exposição que não cessam de admirar de todos os lados de Paris a torre Eiffel, vão em romaria ao alto das torres do Trocadero, para onde se sobe por ascensores, e ali passam longas horas na contemplação não só da torre, mas tambem de todo o Campo de Marte.

Realmente, o ponto de vista é dos mais extraordinarios. E é um verdadeiro assombro olhar do Trocadero para a torre, para as fontes, para os palacios de Bellas-Artes e das Artes Liberaes, para o timbório central, e para uma infinidade de pavilhões e palacetes de todos os estylos que se acham espalhados pelo Campo de Marte, e pelo quai d'Orsay até a esplanada dos Invalidos.

E' a attitudo curiosa dos visitantes na torre do Trocadero, o que o nosso collaborador Vierge soube traduzir admiravelmente.

O seu lapis encontra sempre effeitos imprevistos, e apesar da paralyza que lhe unqueitou o braço direito, vendo-se agora obrigado a desenhá-lo com a mão esquerda — Vierge é ainda o mesmo Vierge que foi o mestre dos desenhadores aqui ha doze annos e que tantos discipulos fez tanto em Hespanha como em França.

## O PATRÃO JOAQUIM LOPES

Publicamos em seguida a carta que a Vereação do conselho de Oeiras, constituída em commissão para erigir um monumento ao patão Joaquim Lopes, — acaba de enviar ao nosso prezado collega de Lisboa, o *Diário Popular*.

Gostosamente a transcrevemos nas columnas da Illustração. E fazemos a acompanhar com um retrato do patão Joaquim Lopes, — damos assim um publico testemunho do muito que respeitamos esse nobre, valeroso e honrado velho, cujo peito se acha constellado d'aquellas medalhas que só se conquistam pela coragem e pelo valor... e nunca pelas intrigas de ministerias, nem por bajulações em pagos reaes.

Medalhas de salvação! São aquellas diamas das quaes todo o homem tem obrigação de se desdobrar! São aquellas que só se obtêm pondo ao risco a propria existencia...

E só d'outras se acha constellado o peito de Joaquim Lopes...

## Eis a carta:

Sr. Redactor. — A camara municipal do conselho de Oeiras deliberou em sessão de 23 de agosto de 1889, por proposta do seu presidente, promover uma subscripção nacional para levantar em Pago d'Arcos, um palacio á memoria do seu prezado contemporaneo e heroico patão Joaquim Lopes, e para isso se constituiu em commissão para levantar a effeito tal idea.

Demonstrar o fundamento e a justiza d'esta deliberação seria empallidizar a honrosa historia dos grandissimos feitos humanitarios do valente e destemido martheiro, feitos não só conhecidos na nossa querida patria, mas que tambem acham eco nas palmas estrangeiras, onde existiram hoje, de certo, individuos que deviam ao seu ideal e humanitarissimos sentimentos, a poderem ainda abraçar um parante estremitado em um amigo dedicado.

Attestam estas almas servidas as honrosas medalhas que lhe ornem o peito, onde se abriga um coração que nunca soube amaldiçoar, nem odiar, mas unicamente uma dedicação cega pelo proximo.

Fazer aqui a historia d'um dos martheiros mais vultos e destemidos que, nestes ultimos cincoenta annos, tem havido, seria duvidar de quanto v. amo e extremece tudo o que enobrecce e eleva o nome estimado paiz, nos olhos do portuguez e estrangeiro. Portanto não a faremos.

Poderei parecer estranho que se pretenda fazer a apothese em villa d'um veneravel filho do povo, embora justamente merecedor.

Diremos que achamos sympathica a idea por podermos prestar uma homenagem pessoal aquelle que tantos mereceu. O facto, todavia, tem precedentes condignos, nomeadamente a apothese de Victor Hugo.

Portanto os vereadores da camara d'Oeiras, constituidos em commissão, deliberaram, como mais um merecido premio ao hero e a quem tem a sublimis honra de se refeit, abrir a subscripção nacional, paga o fim actual exposto, no dia do seu anniversario natalicio. Por isso os subscritores assignados se dirigem a v. como dignissimo redactor do *Diário Popular* pedindo a emminente fineza do lhaes dispor a sua valiosa coadjuvancia abreviando uma subscripção paga o fim indicado no dia 19 de agosto do corrente anno.

Certa das altas qualidades que distinguem a v. e esperanto por isso a adhesão do v. ao pedido que vem de consignar, a commissão tem a honra de se subscriver de v. etc.

Oeiras, pagas do conselho, 18 de julho de 1889.  
A vereação do conselho de Oeiras, constituída em commissão para levantar um monumento ao benemerito patão Joaquim Lopes.

O presidente, Joaquim Moreira Ratto; o thesoureiro João da Matta Martins; os vogues, Luiz Antonio Teixeira de Vasconcellos, Paulo Augusta; o secretario, Ignacio Casimiro Alves d'Almeida.

## UM FOGO D'ARTIFICIO NOS JARDINS DE VERSALHES

Não é só em Paris que as festas da Exposição tem sido brilhantissimas. E' tambem em Versalhes, e com justa razão por que foi de Versalhes que em 1789 sahio o primeiro grão de liberdade, porque foi de Versalhes onde ha um seculo se reuniram os Estados-generaes a que presidiu Luiz XVI, que sahio o primeiro impulso para a Revolução franceza.

N'uma das ultimas festas de Versalhes queimou-se um bello fogo de artificio no parque e jardins, sendo illuminados os famosos jogos d'agua do palacio de Luiz XIV por focos de luz electrica.

E' este aspecto phantastico dos jardins, no momento em que se queima e grande peça final, que o nosso desenhador surprehe de com rara felicidade, dando uma perfeita ideia do maravilhoso d'esta festa nocturna.

## A TEMPESTADE NA GRANDE OPERA

No dia 6 d'agosto restituiu-se na Grande Opera de Paris a recita de gala offerecida pelo Presidente da Republica Franceza, a Sua Magestade o Schah de Persia.

O sr. Carnot que está recebendo os seus honrados illustres mais como um grande seigneur, do que como um simples cidadão, entendeu que para esta recita de gala não se deviam vender bilhetes, como geralmente se faz por toda a parte (em Lisboa, por exemplo) e alugou toda a sala. E todos os espectadores eram convidados pelo Presidente e por Madame Carnot.

Os cartões de convite eram assim concebidos:

Monseigneur le Président de la République et Madame Carnot prient... de vouloir bien lui faire l'honneur d'assister à la représentation de Gala qui aura lieu au Théâtre National de l'Opéra, le mardi 6 août, à 9 heures du soir.

□ Fauteuil n. 1.

lista recita de gala dada em honra do Schah e a qual assistio o mais escolhido publico, compunha-se do 4.º acto do *Cid* de Massenet, e do bailado a *Tempestade*, musica de Ambrose Thomas, sendo o assumpto extrahido de Shakespeare pelos srs. Jules Baehrer e Hansen.

Como todos os grandes bailados, este bailado tambem é bastante incommodo e bastante fatigante, apesar do todo o talento do Ambrose Thomas. Mas como está posto em scena d'um modo maravilhoso, e é admiravelmente executado por parte da 1.ª dançarina Rosita Mauri — o bailado ainda se supporta.

Mas o grande atractivo é a *mise-en-scene*. Nunca a Grande Opera de Paris, que é ainda famosa nestes pontos, attingiu um tal esplendor do scenario, costumes e machinismos.

A nossa gravura representa uma das mais bellas scenas do *Tempestade* — a ascensão do Somno, quando os espiritos dos Trovões baixam á Terra, e quando o Ariel pondo um pé sobre o peito de Caliban o verze pelo somno. A scena illuminada neste instante por um luar azul é d'um effeito surprehe-dendo. De resto podem julgar pela belleza d'este *ensemble* mais equal, graças ao magnifico desenho de Adrien Marie.

Mas o que constitue o clau do bailado, o que chama a Opera milhares e milhares de espectadores, é a apothese, a scena final, quando sobre a scena que representa o mar entra um navio, todo engrinalhado de flores e bandeiras, e trazendo a bordo a mais formosa e a mais tentadora tripulação. Basta dizer que a coranção do navio é representada por uma lindissima figurante, vestida de sereia, grandes madeiras do cabellos louros caídos ao vento, e o peito vestido por uma coroa de lantejoulas d'ouro...

Este navio tem 16 metros e 30 cent. de comprimento. E' um navio a vapor, que entra pelo fundo do theatro do lado direito do espectador, vira de bordo e avança para o publico como se fosse um peixe por uma onda, até á bocca da scena, dando uma penitencia illosa de que vem cortando as vagas.

Nasceras, fadas do mar, genios graciosos vem nadando em torno da immensa e graciosa embarcação, que traz a bordo um mundo de espiritos harmonicamente agrupados... O effeito é dos mais imprevisos e dos mais surprehe-dentes. E este quadro final do *Tempestade* constitue uma verdadeira obra-prima de machinismo theatral, como ha muito não tinhamos visto em theatres de Paris e Londres.

O Schah da Persia mostrou-se muito interessado com o espectáculo, — mas o que mais parecia interessado era a phantasia das dançarinas, que o seu báculo personifica com uma assiduidade verdadeiramente oriental.

O Schah, para esta recita, deu-se ao incommodo de nos mostrar as suas pedrarias. Sobre o peito d'este figurão só se viam brilhantes e esmeraldas de uma grossura extraordinaria. Nenhuma loja de joalheiro de Paris ou Londres é capaz de mostrar na sua vitrine tanta riqueza, como a que o Schah exhibiu n'aquella noite.

Nesta recita de gala na Grande Opera que ficará famosa entre as festas dadas por occasião da Exposição, vimos ali Conde e Condessa de Valbom — Carlos Lobo d'Avila — Conde d'Azevedo da Silva — Barão de Penello — Visconde e Viscondessa de Cavalcanti — Edmundo Perillo — Gerardo Augusto Perro — Alfredo Mendes da Silva e esposa — Sant'Anna Nery — Rafael Bordallo Pinheiro — e Mariano Pina — cremos que os unicos convidados portuguezes e brazileiros que ali se achavam. Tambem haviam sido convidados o sr. Conde de Marimanno Cyrillo de Carvalho e sua esposa; mas não assistiram á recita por se achar em Lisboa o sr. Marimanno de Carvalho.

## A DANÇA DO VENTRE NO CAFÉ EGYPTIO DA RUA DO CAIRO.

De todos os espectaculos exóticos que a Exposição de Paris nos offerce, um dos mais concurredos está sendo a chamada *dança do ventre*, dançada por uma authentica alme, a alme Ainsché, no café egypcio da rua do Cairo — rua que os nossos leitores já conheceram por um desenho que publicamos em tempo na Illustração, quando essa rua se achava de construir.

O Oriente está na moda, o Oriente invade o Occidente. E os europeus que n'este momento inundam Paris, correm para a *dança do ventre* com o mesmo empenho com que correm para a torre Eiffel.

Eis em que consiste este espectáculo estrangeiro e



extravagante: Entra-se para uma vasta baraca feita de estoffos orientaes, illuminada por lampadas d'estylo — de resto auxiliadas por globos de luz electrica.

Ao fundo, sobre um estrado guarnecido de enormes amoladas, estão as *almés*, e por detraz dellas, as pernas cruzadas á turca, vêem-se sentados os músicos da orchestra. Uma das raparigas levanta-se e avança; os bravos rebentam de todos os lados misturados com os gritos e guinchos dos músicos que pretendem assim excitar a dançarina...

A *almé* está vestida com fazendas de lã e de seda de cores vivas; inclina-se; estende os braços como para se espreguiçar mollemente; depois aproxima-os em arco da sua cabeça, fazendo tilinter os *crotalos* de metal que tem nas mãos. E começa uma serie de movimentos extravagantes e lubricos, de que dão uma vaga ideia certas danças sensueas da Andaluzia. O ventre começa a agitar-se, a tremer, a ser sacudido repetidas vezes; todo o tronco se agita e se extorce; só a cabeça se conserva impassivel, porque sobre a cabeça a *almé* tem de equilibrar uma garrafa sem rolha, e cheia de liquido.

Um viajante conta que estas dançarinas pertencem em grande parte á tribu dos Uled-Nails, a que abandonam muito novas a familia para percorrerem o mundo. Quando ganharem o que ellas consideram como dote, voltam ao paiz natal, e tornam-se excellentes esposas e boas mães de familia.

Talvez... Mas não nos parece que os diversos exercicios e movimentos a que obriga a dança do ventre, sejam um elemento efficaz para as funcções e deveres da maternidade...

Ponhamos de parte as considerações que



O PATRÃO JOAQUIM LOPES.

as *almés* nos poderiam agora suggerir, — e contemplamos o desenho do nosso collaborador Adrien Marie, desenhado primoroso pelo seu vigor, pelo seu colorido, e pela fidelidade com que reproduz o estrado do café Egyptio da rua do Cairo, onde tem lugar todos os dias todas as noites a famosa dança do ventre.

#### BELLAS-ARTES. — « A ONDA »

O nosso jornal tem andado tão cheio de assumptos de pura *reportage*, desde que abriu a grande Exposição de Paris, que nós recebemos cahir no desgosto d'aquelles dos nossos leitores que preferem á *reportage* as gravuras puramente e exclusivamente artisticas.

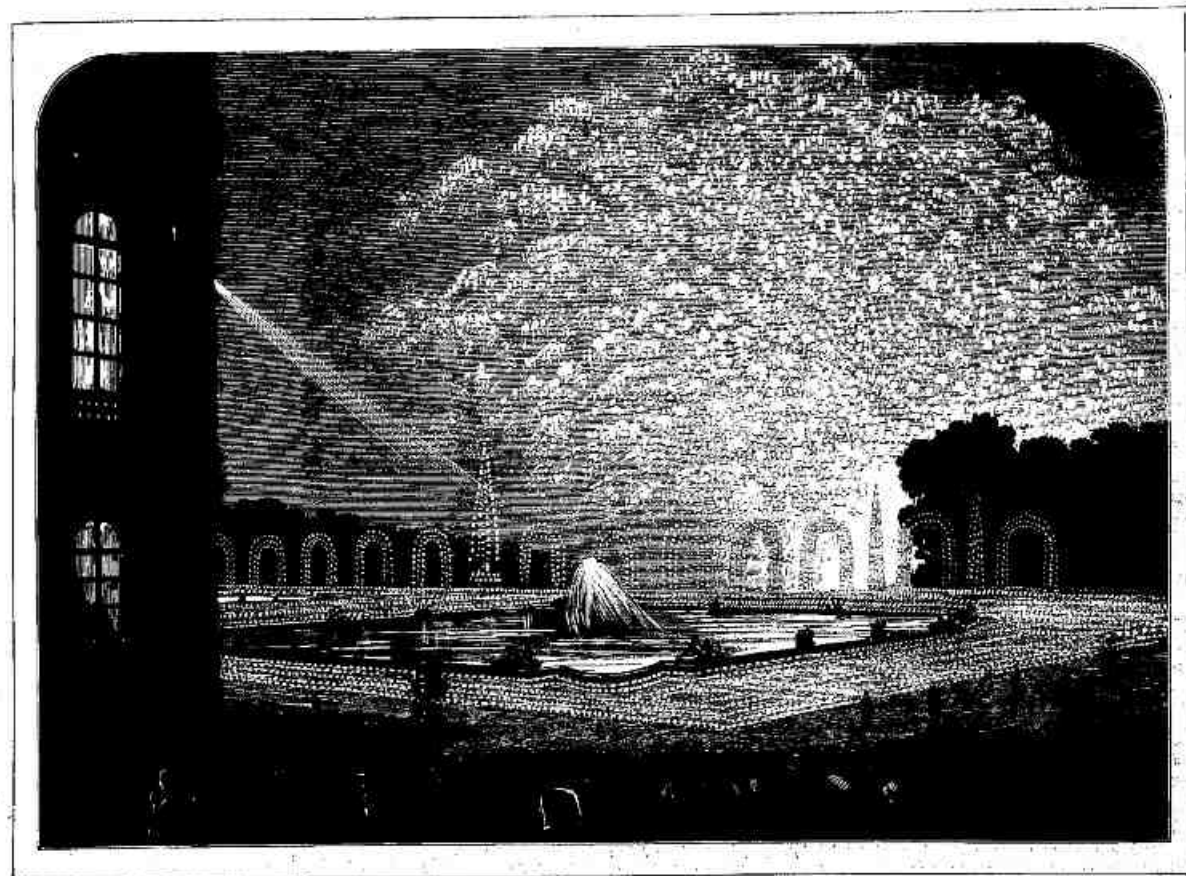
Bem sabemos que a maioria dos nossos assignantes só quer vêr Exposição e mais Exposição. Mas tambem é de justiça não esquecermos que a ILUSTRAÇÃO mereceu o suffragio do publico, graças ao cuidado com que se occupava de coisas d'arte.

Para que não digam que fugimos ao velho programma e á tradição, publicamos hoje uma gravura do bello quadro a *Onda* de Madame Dumont Breton, a filha do grande paysagista francez Jules Breton.

O quadro é soberbo, lembrando pela rudeza, pela simplicidade e pela largueza, a famosa *Onda* de Courbet, que faz parte das collecções do Luxembourg. E a gravura é simplesmente admiravel. O que não é para surprehender, por que traz a assignatura de Charles Baude.

#### O SCHAH DA PERSIA EM PARIS.

Parece-nos interessante mostrar aos nossos leitores o interior dos aposentos que o



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — UM FOGO D'ARTIFÍCIO NOS JARDINS DE VERSAILLES.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — GRANDE OPERA. — A SCENA DO SONHO NA «TEMPESTADE».

Balletto de Jules Barbier e Hansen, musica de Augustus Thomas, representado na recita de gala do dia 9 d'agosto, em honra do Schah da Persia.

Schah da Persia occupou em Paris, no palacete da rua Copernic que o governo francez alugou, mobilou e pôz a disposição do Schah, com o respectivo pessoal de cozinha, com criados, guardas e soldados.

O palacio por fóra nada tinha de extraordinario. E' do mesmo estylo dos palacetos francezos do bairro da Estrella. Mas dentro, o quarto de cama do Schah, e o salão que servia tambem de sala do throno achavam-se magnificamente mobilados, com uma riqueza capaz de rivalisar com as coisas do Oriente, — d'esso fallado Oriente que afinal é uma pocilga, a julgar pelos usos e costumes dos seus habitantes.

Basta dizer-lhes, para fazerem uma ideia do que são os orientaes — que o Schah almoça e janta de pé, rasga com as mãos as peças de caça que muita lhe sorriem, e delta os restos para o meu do chão! Assim procedia no seu palacete em Paris...

Da cama que os nossos leitores vêem em gravura nunca elle se servio. O Schah dormio sempre pelo chão, em cima d'um enxergão que trazia na sua bagagem.

E no que diz respeito ao acção do corpo, durante quinze dias que esteve em Paris, só uma vez foi tomar banho no Hammam!...

O que não impede que seja considerado o Rei dos Reis...

#### A ALDEIA « CANAQUE » NA ESPLANADA DOS INVALIDOS

N'um grande supplemento mostrou a ILUSTRAÇÃO aos seus leitores o *ensemble* da exposição colonial na Esplanada dos Invalidos. Agora tratamos de lhes mostrar aspectos especiaes das diferentes exposições exóticas que ali se admiram.

Hoje mostramos-lhes a aldeia dos *canaques* — d'estes figurões que vivem sempre nus, e que preferem a carne de vitella a simples carne humana...

Mas não vão agora pensar que em Paris se mata agora gente para alimentar estes amáveis anthropophagos; e que se o governo faz uma tsmanha guerra a Boulanger e a Rochefort, é porque os dois se recusaram a ser servidos com batatas fritas á mezu d'estos terríveis selvagens...

Não se assustem! Os sete pretos e as trez pretas que povouam a aldeia *canaque* ou *caledonense*, fallam quasi todos o francez, e tem prestado grandes serviços á colonia franceza da Nova-Caledonia. Um d'elles, de nome portuguez Pittu, um bello preto de estatura formidável, é o filho de Gelima, chefe d'uma tribo oriente, que em 1873 ajudou as autoridades francezas a reprimirem uma terrível insurreição dos degradados, e recebeu do governo da Republica uma medalha d'ouro em recompensa da sua fidelidade e dedicação.

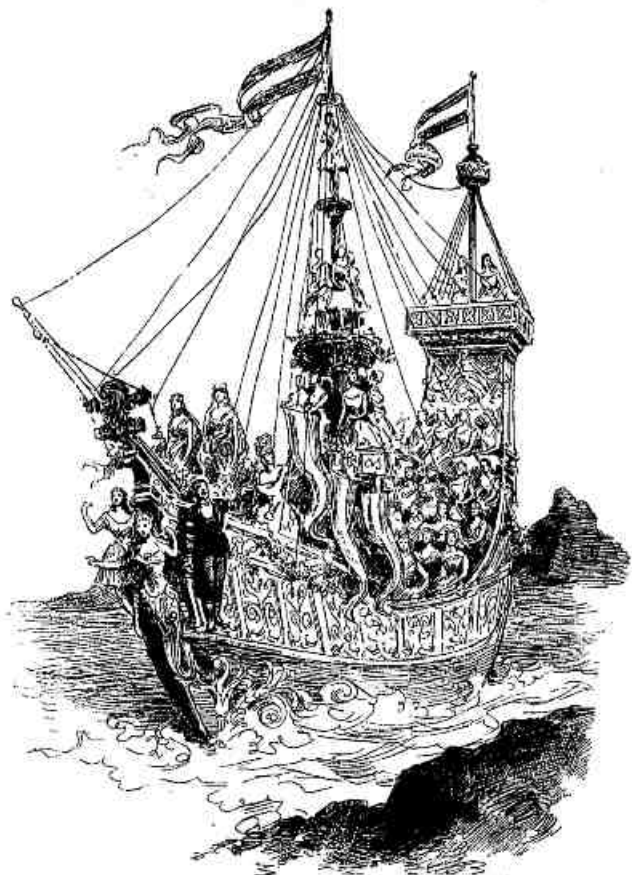
As cabanas cobertas de palha de milho e trigo são muito pittorescas; umas elevadas e terminando em ponta, são as cabanas do chefe; as outras mais baixas são as do commun dos mortaes. Diante de cada porta estão collocados blocos de madeira d'alturas diferentes, grosseiramente esculpidos e pintados: são os *tabus*, especie de fetiches e de ornamentos com que os *canaques* costumam guarnecer e decorar as suas habitações.

O aspecto d'esta aldeia caledoniana é dos mais pittorescos. E quando olhamos para as maravilhas colonias que a França exhibe nos Invalidos, e pensamos que nós, portuguezes, nada sabemos mostrar nem das riquezas, nem do pittoresco que possuímos em Africa, — deveras se nos confrange o coração, receando pelo dia em que havemos de ser expulsos das nossas colonias, se um homem inercioso não surge em Portugal para transformar totalmente os nossos systemas coloniaes.

## A TRAVEZ DE PARIS

Ainda o Schah. — Schah for *esper*. — Salifou e a chronica. — O Schah e o corpo de baile. — Uma prova delicada. — Um tyrano alegre. — Félix Pyat. — Onde a ternura se vê anichar. — Como se evita uma penhora. — As aventuras d'uma horizontal.

O PAPALVISMO parisiense acaba de dar um desmentido cruel á allocação pouco circumspecta que me permitti dirigir na minha ultima chronica ao schah! A pastameira forço so me é confessional, excede toda a nossa expectativa. *Enfonce!* Salifou e toda a mais preulhada. O schah é actualmente



GRANDE OPERA. — O navio da Tempestade.

o rei de Paris, *ô gué!* O que elle diz, o que elle faz, o que elle come, o que elle bebe, eis o que todo o bom parisiense sabe logo pela manhã, á hora do chocolate. Os jornaes abriram uma secção especial — *La journée du schah!* que o rei dos reis se diverte todas as noites em recortar cuidadosamente e um collar no seu *Scraps-book*.

Um cabotin no fundo, este soberano de magica. O seu genero de pose consiste em olhar para tudo com um semblante impassivel, e em virar de repente as costas, pondo-se ao fresco. É assim o *grande ar* em Teheran. Lá por dentro, anda preocupadissimo com o que dizem d'elle os jornalistas. Salifou é a mesma coisa. Ha dias offereceram-lhe uma collecção de todos os artigos publicados á seu respeito. O pretalhão accellou com as mãos ambas. Mas quando lhe apresentaram a conta (140 francos) pôz-se como uma bicha e declarou que não pagava.

O schah n'este ponto é irreprehensivel. Compra tudo o que lhe offerecem e paga-o pelo dobro do que lhe pedem. Os seus passios á exposição vão necessitar a creação d'um novo imposto na Persia. Ha dias encontrou ao pé da torre Eiffel um preto que vendia uns oculos de papel pintado em vez de vidros, réclames a um industrial qualquer. O schah, seduzido, mandou que um dos seus famulos pozesse os ditos oculos no nariz. O effeito agradou-lhe de certo, porque os pagou por dois luizes. Os oculos valiam dois sous.

Ha dias submeteram-n'o a uma experiencia interessante. Levaram-n'o cavilosamente ao *foyer* de dansa da Opera, e meteram-no n'um circulo de hombros nus, de corpetes de gaze, e de per-

nas cõr de rosa. E' preciso confessar que se sahlu bem d'esta prova difficil. Foi paternal e affavel, e nem se mostrou acunhado, nem... temerario. Contentou-se com applicar algumas delicadas palmadinhas no rosto das mais bonitas, e quando lhe pareceu tempo, voltou costas e foi-se embora. Dizem que é casto, tanto quanto o pode ser um homem que tem 4 esposas e 4 concubinas. Mas na Persia é raro sêr-se tão... modesto. O avô d'elle, Teth-Ali-Schah, de patasca memoria, tinha 400 favoritos no seu harem. Essas 400 favoritas deram-lhe 700 filhos! Um detalhe comico. Conta-se que n'um certo dia oito das odaliscas tiveram o seu bom successo ao mesmo tempo!

Para occupar os ocios das suas 400 esposas, o avô de Nasser-ed-Din imaginara um passa-tempo original. No seu castello de Nagaristan mandara installar uma especie de plano inclinado, feito de porphiro polido, extremamente escorregadio. Esse plano conduzia á grande piscina onde se banhavam as sultanas. Estas, no mais primitivo dos trajos, deviam escorregar pelo declive polido e cabirem finalmente na piscina.

O schah, entretanto, mollemente reclinado em cochins, fumando o narguileh, seguia com um interesse facil de comprehender este jogo de monanbas-russas de novo systema, divertidissimo com os gritos e attitudes mais ou menos suggestivas das suas odaliscas.

Digam-me depois se vale realmente a pena ser rei constitucional!

\*, Grande baixa nas acções de minas de pe-troleo! Morreu Félix Pyat. E' um luto para as



almotollas. Em compensação o infame capital tripudia de júbilo. Félix Pyat era depois da morte de Blanqui, o mais perfeito specimen d'anarchista hirsuto e trovejante que nos restava. Passava annos da vida na palha húmida das masmorras e comendo o pão negro do exílio. Estas duas metaphoras — assaz conhecidas, eram ainda assim as melhores da sua rhetorica de meetingueiro. Tinha 79 primaveras e estava fúlo como nos annos ternos. Durante a communa, o aspecto da sua guedelha branca e da sua face cabelluda de homem-cão era uma das curiosidades de Paris. Foi um dos grandes ebrios d'essa orgia ensanguentada — ebrio sobre tudo de palavras, de discursos incendiarios, d'apostrophes furibundas. Como a maior parte dos agitadores, era, ao que parece, extremamente prudente, e foi por varias vezes accusado de haver mostrado, na hora do perigo, nervos... um pouco mais sensíveis do que convém a um revolucionario. Mais feliz que Raoul Rigault, consegue escapar ao pelotão de Satory e foge para Inglaterra onde os jornaes lhe levam um dia a noticia da sua condemnação á morte. Alguns annos depois, o decreto de amnistia reabre-lhe as portas da França. Está septuagenario já — e mais furibundo do que nunca. Marcella manda-o ao parlamento; e durante dois annos o velho petroleiro consegue ter o mais allucinado, o mais excessivo, o mais violento dos energúmenos que o compunham. A ultima vez que lá ergueu a voz foi para pedir a amnistia de Beresowski, o polaco que tentou assassinar o czar durante a Exposição de 1867. Era por esta forma que Félix Pyat pretendia agenciar a alliança franco-russa.

Na sua mocidade, Félix Pyat commettera varios dramas um dos quaes, o *Trapeiro de Paris*, teve um exito doido mesmo em Portugal onde as pretensões socialistas da peça passaram despercebidas; era porim um grosso drama romantico-sentimental, e a Baixa delirou. Além do *Trapeiro* e de outros dramas, Félix Pyat escreveu varios pamphletos n'um estylo de funático.

Era em todo o caso uma singular figura este velho refractario que conseguiu chegar ás mais geladas steppes da vida levando intactos os enthusiasmos, as illusões, os amores e os odios da mocidade, e cuja existencia se pode talvez definir por esta forma — uma barricada que durou 80 annos!

Levou tal sumço um beleguim, que a policia parisiense ainda lhe não ponde encontrar o vestigio. Não era um official de diligencias vulgar o sr. Gouffé, que possuia uma fortuna de trezentos mil francos em excellentes valores de *das-de-familia*, e que fazia quarenta mil francos de honorarios todos os annos. Quando constou o seu desaparecimento, julgou-se a principio que elle tivesse comido a *grenouille*, o que em argot parisiense, exprime a situação do depositario infiel que dissipa os valores que lhe foram confiados. A rá, porém, o maravilhoso estava intacto. No cofre de Gouffé existia não só toda a importancia de que elle era responsavel, mas uma fortuna pessoal d'elle em excellentes titulos, como já disse. N'esse caso, porque desapareceu Gouffé? Não se sabe.

Imagina-se um crime. Gouffé tinha um fraco. Era um beleguim terno, e um venusiarco infantil. A lista das suas relações amorosas se não chegava ás mil e tre de D. João, attingia comtudo algazaras extremamente respeitaveis. As funcções de seu cargo forneciam-lhe occasiões unicas, que o marau não deixava escapar. Quando elle surgia, fatal como o destino, no dia do vencimento das letras, á porta dos pequenos palacetes do bairro Monceau onde vivem as *belles petites*, era muitas vezes convidado a entrar e admitido á presença da gentil devedora. Scena muda. Gouffé sacava do bolso a temerosa folha de papel do lado, e exhibia-a com um gesto implacavel. A devedora encolhia os hombros e abria os braços como no encantador desenho de Forain que tem por legenda —

*La plus belle fille du monde ne peut donner que ce qu'elle a.* Quando Gouffé partia, a letra estava paga, mas não em especies sonoras e tilintantes. Gouffé, chegando ao escriptorio, indeminava do seu bolso o estofador, o joalheiro ou a modista, e inscrevia no seu canhenho donjuanesco uma *nova conquista*. Já vemos que era simples como bons dias.

Isto consolava Gouffé do desprestigio da sua profissão. Em França o *huissier* é com effeito universalmente detestado. O instincto popular vê n'elle uma especie de carrasco do civil, quasi tão hediondo como o ouiro. A conhecida resposta de Dumas pae a quem pediam dez francos para ajuda do enterro d'um *huissier*: — *Tu m'en lá 20 e enterrem dois!* — exprime comicamente esta repugnancia que até certo ponto se explica pela brutalidade com que estes officios de justiça desempenham por vezes o seu mister. Gouffé parece que era uma excepção, como já disse. A ter de desaparecer um *huissier*, é realmente pena que tivesse sido elle. Esperemos ao menos com as lindas moradoras dos bairros galantes, que este eclipse não seja absoluto, e que Gouffé ressurgja em breve, mais terno, affavel e sensível do que nunca.

Cá a temos outra vez! Mas quem? Ora quem ha de ser senão essa encantadora Mlle. de Sombreuil, cujas façanhas tantas vezes tem sido narradas na chronica parisiense. Não ignoram os leitores que esta horizontal de marca, cuja ligação com o deputado Vergoin pertence já agora á historia da terceira republica, foi expulsa de França ha 2 ou 3 annos em virtude de um mandado regular da policia franceza. Mlle. de Sombreuil jurou que tal expulsão não se effectuaria. Assim que os dois gendarmes encarregados de a collocarem do outro lado da fronteira viraram costas, tomou rapidamente o *sleeping* para Paris. Dias depois a policia deitava-lhe a unha outra vez. A partir d'esse momento a existencia da bella horizontal converteu-se n'uma verdadeira pantomima de clown, geatro Lauri-Lauri, com a classica perseguição de fantoche vestido de preto e calçado de escarpins de metro e meio, que se esgueira pela portinhola d'um fiacre com quatro *policemen* á perna, se enfia por uma janella, para surgir do dentro d'um relógio de parede e enganinhar, sempre seguida pelos quatro *policemen*, por uma chaminé acima! Mlle. de Sombreuil e os seus dois gendarmes offerecem o mesmo aspecto acrobatico e clownesco. Cinco vezes foi visto este grupo extravagante tomar o caminho da fronteira Belga. Cinco vezes, vingativa e lepidá, a referida *para-letta* (paralella é na geometria de Breda-Street synonymo de horizontal) reapareceu no asphalto parisiense a escurar a magde da justiça. Multes, admoestações, alguns mezes de enxovia mesmo, não conseguiram demolir a da sua idea fixa. Ella quer Paris e só Paris.

D'esta vez o seu caso complica-se. Mlle. de Sombreuil foi expulsa como estrangeira, visto ser a mais cabeçada das subditas do rei Leopoldo. Para adquirir o estatuto civil francez, era-lhe necessario achar alguém que a desposasse. Mas onde encontrar esse homem destemido e sem escrúpulos pueris? Procura e achará, diz a Biblia, Mlle. de Sombreuil procurou e achou um pobre diabo, que desejava entrar para uma especie de asylo particular, mas que não tinha senão metade da somma necessaria. Em troca da outra metade, elle estava prompto a casar com Satanaz em pessoa, e Mlle. de Sombreuil pareceu-lhe mesmo um bom partido. Esta união esperancosa não chegou porém a realizar-se. Ao que parece a sympathica maluca começou por se apoderar das economias do velho, e entrara n'ellas com tal ancia que o unico asylo a que elle pde agora aspirar é o da mendicencia. A policia interveiu no caso sobre a denuncia d'um certo senhor B. em casa de quem Mlle. de Sombreuil se installara, e de casa de quem se não queria ir embora nem á mão de Deus Padre.

Esta embrulhada vai ter em brèves dias o seu desenlace correccional. Mlle. de Sombreuil apanhará alguns mezes de cadeia, e será de novo reconduzida á fronteira. Em segunda ao quê, ella se apressará a voltar a Paris e a pantomima recommençará.

A justiça devia ter espirito uma vez na vida e dor-se por vencida. N'esta luta que já dura ha dois annos, a interessante *horizontal* tem a opinião pelo seu lado. Mais cedo ou mais tarde, ella sempre ha de encontrar alguém com quem se case, e a policia não terá remedio senão deixal-a entrar triumphantemente na sua boa cidade de Paris. Consentindo desde já n'este capricho, a policia poupava uma victima. Esperemos que esta consideração humanitaria influirá na sentença dos futuros juizes.

GISS.



## O CERCO DO PORTO

HAVIA tres dias que o Marechal Solignac desembarcara no Porto com alguns soldados belgas, e com elles entroutambem para dentro do cerco um terrível inimigo — o Cholera-morbus. Aos tifos, que já devastavam a cidade veio ajuntar-se mais essa desolação para tornar mais completo o triumpho da morte. De cem'pessoas atacadas diariamente succumbia o terço. A fomeia chegando ao desespero, porque além das forças inimigas, desde janeiro que os vendavaes bloqueavam a barra, a falta de carne os doentes eram sustentados a sôpa de bacalhau, os caídos temperavam-se com assucar e aguardente; as camas eram desfeitas para sustentarem a cavallaria; e além dos preços dos generos mais urgentes os mercieiros vendiam falsificações deontias taes como de azeite e oleo de linhaça, ou de manteiga e cebo. Era preciso lutar com a fome, e em fevereiro começou a distribuir-se uma sôpa economica, de um quartilho de caldo de feijão com arroz e farinha de trigo; no primeiro dia accudiram trezentas pessoas, ao segundo subiram já a setecentas as rações. Emfim, desde a perda do reducto de Monte do Crato, que Solignac apenas conservou oito horas, as condições de resistencia da cidade tornaram-se desesperadas; derrotado tambem na sua tentativa de assalto ao Castello de Queijo, em 24 de janeiro, a consequencia desastrosa fez-se logo sentir: o inimigo comprehendeu que fechando a barra do Porto venceria o cerco pela fome. Para isso fortificou quasi toda a costa e levantou a terrível bateria de Serralves, que cortava toda a communicação com a Foz. Pelo seu lado os liberais reforçaram o reducto da Senhora da Luz e occuparam immediatamente as alturas do Pastelleiro e do Pinhal. Mas a resistencia ia-se tornando cada vez mais inutil, porque além da chuva de granadas que cahia dia e noite sobre a cidade, além da recrudescencia do Cholera, para o qual já não bastava o hospital da quinta dos Congregados, o mar conservava-se tão tempestuoso que não era possivel apparecer vela alguma no horizonte! Foram quarenta dias sem esperanza, quarenta dias em que esteve tudo perdido, menos a força moral.

A historia official, subordinada á exacção dos boletins de campanha, não allude a este periodo dos quarenta dias do principio do





EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A DANÇA DO « VENTRE » NO CAFÉ EGÍPCIO DA RUA DO CARMO.





BELLAS-ARTES. — A' BEIRA-MAR. — A ONDA.

QUANDO DE M<sup>o</sup> DOMINGOS-BARTON.



anno de 1833, e contudo n'esse periodo de desolação extrema é que se praticaram os maiores rasgos de valerosa moral: todos foram heroes, as mulheres e os velhos. É pena, que homens do talento de Garrett e de Hercolano, e mesmo generaes que sabiam trocar a espada pela pena e que foram heroes n'esses grandes dias de sacrificio, nunca se lembrassem de colligir as sublimas tradições epicas que ainda casualmente se repetem do cêro do Porto. Essas tradições vão-se perdendo com toda a poeira de um povo que se esquece do seu passado. Contaremos um d'esses esplendidos episodios desconhecidos dos historiadores, mas conservados ainda na vida burgueza do Porto; pintando o espirito de resistencia com que a cidade se achava n'esses quarenta dias decisivos.

A 4 de março as tropas de D. Miguel foram atacar as posições dos liberais na Foz, seguros de que era já impossível sustentá-las mais tempo; no meio da sua hallucinação os atacados tomaram a offensiva, e os rebeldes retiraram-se deixando duzentos mortos no campo. D. Pedro, que gastava os seus esforços em conciliar os generaes despeitados, appareceu sempre em todos os momentos de conflicto. Foi junto dos soldados, ao pé dos voluntarios burguezes, que elle readquiria confiança, e se mostrava alegre, presenciando o triumpho da causa da liberdade. D. Pedro appareceu na bateria da Luz; foi ali que se lhe tornou reparavel um velho que elle encontrava sempre vagabundo pelas linhas, nos pontos em que eram mais rebitados os ataques. Notou que o velho andava desarmado, e observando diligentemente, não pôde deixar de dirigir-se ao velho com um interesse e familiaridade em parte provocada pelo aspecto venerando e cheio de autoridade:

— Amigo! que faz você por aqui?

— Senhor, tenho aqui nas linhas um filho.

— Bem; então ande por ali a vontade se não tem medo das balas.

— Medo das balas? Isso são contos de noivado. Não tivesse eu cá os meus setenta e quatro, que outro gallo cantaria.

— O seu filho, vê-o d'aqui?

— Por ora ainda o vejo. Não estou aqui por ter medo de perdê-lo, é para ir socorrer as mulheres, as irmanas, que sempre estão com algum cuidado. Queram saber alguma coisa das linhas.

Este dialogo foi interrompido por um toque de carga a baioneta; pôde-se imaginar quem trouxe para a cidade a noticia do triumpho. Chegou o terrivel dia 24 de maio; estava acabado de construir o reduto das Antas, guardado apenas por trinta soldados de caçadores 5. Nião as tropas inimigas, em numero de dois mil homens, tomaram o reduto das Antas! Era preciso desapossal-os, a todo o transe, e de facto não poderiam conservar o reduto além das tres horas da tarde desse dia. Infantaria trez, nove e dez, quarenta lanceiros, e um batalhão inglez cumpriram o seu dever; foi uma refrega atroz. O monte das Antas ficou juncado de cadaveres; mais adiante na Casa Negra era ainda maior a carnificina.

Foi no combate da retomada das Antas que D. Pedro tomou a encontrar o velho burguez; já lhe haviam dito como se chamava. Era o contraste do ouro, o tipo do antigo homem bom, chão e abonado, como

o caracterisa a Odenação do reino; chamava-se Cosme Martins. Assim que D. Pedro deu por elle no trapel, destacou-se dos officaes e veio fallar-lhe:

— Outra vez por aqui com este fogo?

— Tenho cá um outro filho.

— Um outro filho? Como se chamam os rapazes?

— Na bateria da Luz é o meu Eduardo, tem dezoito annos feitos.

— Pôde com a espingarda. E o outro?

— Estai aqui nas Antas; é o meu Thomaz, já formado em leis.

Em meio da conversa D. Pedro foi interrompido por uma d'estes circunstancias que se dão em todo o campo de batalha; vieram contar-lhe como se achava uma carta na algibeira de um morto por onde se sabia que era o maior dos Realengos de Trancoso. Não se tornaram mais a vêr.

A sere de abril descobriu-se a longa estacada feita pelos miguelis desde as primeiras casas de Paranhos até ao Covello. Queriam fortificar-se ali; não havia tempo a perder; era preciso desalojar-os. A artilheria dos liberais começou a responder desde as nove da manhã, e durou o fogo até ás seis da tarde. Cruzaram-se as baterias da Gloria, do Pico das medalhas, do Serio, da Aguardante e de S. Braz. Uma força de mil homens saía das linhas para tomar de assalto o monte de Covello, que os inimigos abandonaram. Porém no dia 10 os miguelis voltaram com intuito de retomar os pontos perdidos, onde os liberais tinham levantado um reduto em menos de oito horas. Estavam lá dentro apenas duzentos soldados; foram atacados por mais de dois mil dos rebeldes, que chegaram até dez passos de distancia. No meio do fogo quasi a queima-toupa, jogavam-se os insultos que tornavam mais violento o ataque; perguntavam-lhes se traziam os sacos para fazerem a pilhagem da cidade. Foram momentos decisivos; duzentos homens livres poderam esmagar dois mil janizaros.

No meio desse implacavel desbarato, andava D. Pedro, e quando tomou a avistar o velho, que estava envolvido em um antigo capote de camello, sumiu-se para elle como quem o tomava já como um presagio de felicidade. E enquanto se tocava a reunir, D. Pedro foi para elle, esfregando as mãos:

— Olá, bom homem.

— Senhor D. Pedro. Elles hoje é que pagaram o vinho.

— E bem pago. Então você tem por cá mais algum filho?

O velho não pôde deixar de sorrir-se com a pergunta maliciosa, e respondeu com uma serenidade:

— Tenho aqui mais outro filho.

— Outro filho, homem! De dous sei eu.

— Este é o que me ajuda no officio; ficou de homem para hoje no reduto do Covello, e já sei que está são como um peão...

— Parabéns, amigo, parabéns. Com que enção, na bateria da Luz, um; no reduto do Monte das Antas, outro; no Covello...

— É o meu filho Cosme.

— Ainda tem mais algum?

O velho sorriu-se, como quem buscara atenuar uma frase que pôde ser tomada como expressão de vaidade:

— Não queria fallar do outro filho que tenho na bateria do Pico das Medalhas, antes de me encontrar alicomvossa magestade.

— Oh homem! Outro filho!

— E mais que tivesse; esse é o meu Fortunato; e quando não está no fogo da bateria, fica de semana em serviço medico no Hospital dos Cholenicos de S. Pedro d'Alcantara.

D. Pedro emmudeceu diante da revelação casual de um tão completo sacrificio. Abraçou o velho, porque não pôde articular palavras, e os olhos marejaram-se-lhe de lagrymas. Aquella natureza egoista, como a de todos os príncipes, insensível a dedicação como o revela a demissão do grande Mouzinho da Silveira, foi uma vez tocada pela realidade das cousas. As palavras desinteressadas d'aquelle velho revelaram-lhe que se elle sabia sacrificar-se por uma filha, ninguém, em uma cidade sem muros, cercada por mais de oitenta mil inimigos, dizimada pela peste, apertada pela fome, ameaçada pelo saque, ninguém poupava o seu sangue, porque todos queriam converter a liberdade em direito. O sacrificio de um paiz ficava suplantado pelo sacrificio a uma geração inteira. Que bella gente essa, bem digna de fundar para si um Republica, sem os sofismas de uma carta outorgada.

TEOPHILO BRAGA.

## FLORES DO AR

I

*Quando no céu vos vejo, claridades,  
Companheiras celestes dos meus ais,  
Sinto não sei que languidas saudades  
D'outros tempos passados immortaes.*

*E pergunto quem sois? Talvez suspensas  
Citaras de marfim d'immense côro,  
Gotas d'orvalho em arvores immensas,  
Eternas, velhas lampadas de ouro!*

*Talvez sejais as setas encravadas  
D'alguem que noutro tempo vos venceu,  
Velhas feridas ainda não fechadas,  
E cicatrizes lucidas do céu.*

*Ansias d'ouro d'aridos desertos  
Ou engastados prantos d'infelizes,  
Ou granites flocos do Bem nos céus abertos,  
De que em baixo só vemos as raizes!*

II

*Quem sois? quem sois? o doces exiladas,  
Perdidas, entre os rythmos da afflicção,  
Almas, tristes vencidas, desgarradas  
D'Aquellas que buscam tanto em vão!*

*Quem sois? quem sois?—Talvez no ar perdidas  
Notas d'ouro de vaga melodia,  
Longos prantos das deusas perseguidas,  
Ou anneis dos caballos de Maria!*

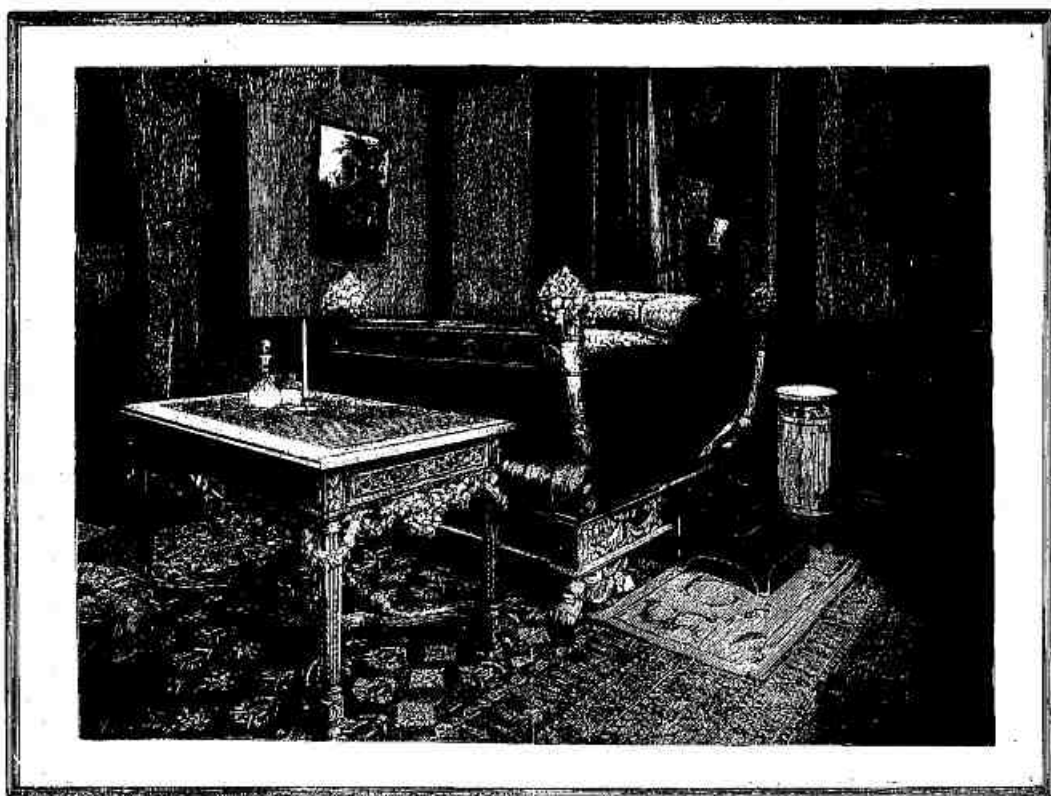
*Regiões onde, ó mal! tu não penetras,  
Grande Biblia d'amor escrita em luz,  
Ou eternas talvez doiradas letras  
De novos evangelhos de Jesus.*

*Fantásticos paizes das esperanças,  
Talvez urnas de cinzas e illusões...  
Astrô do ar, agulhas como lanças,  
—Porque é que nos feris os corações?!*

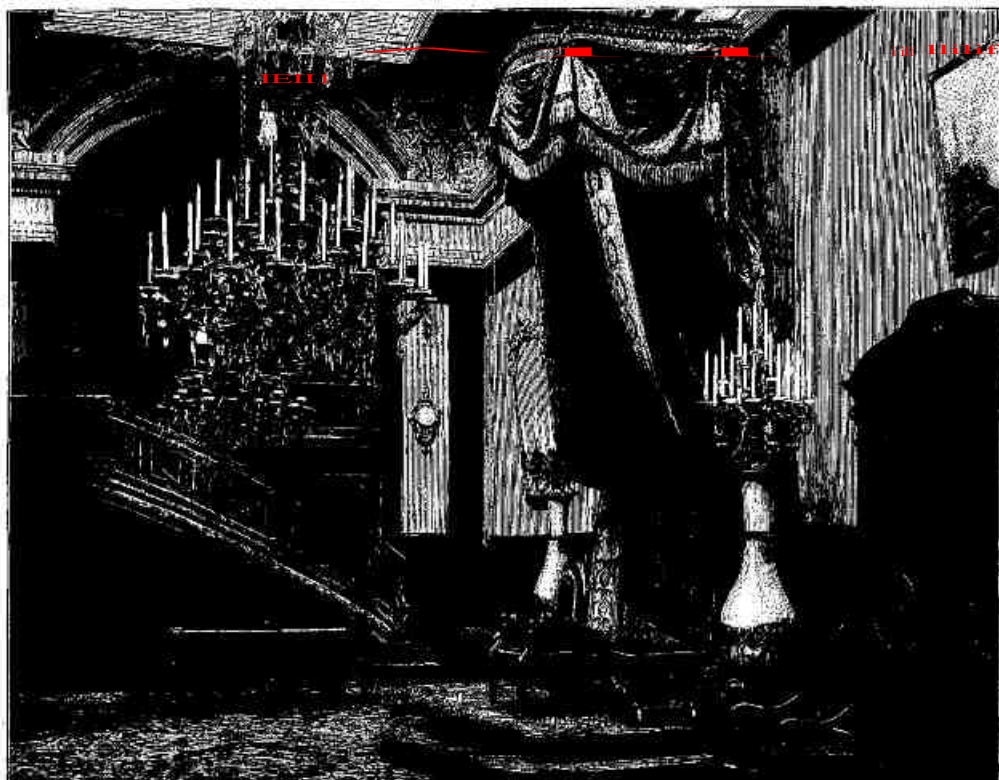
GOMES LEAL.

**TSARINE** POÉ ARROZ RUSSO  
Adherente, Souvenez, Inédit  
Préparé par VIOLET  
28, Rue des Italiens, PARIS





O QUARTO DE DORMIR DO SHAH DA PERSIA.



O SALÃO E O TIRONO DO SHAH DA PERSIA.

O SHAH DA PERSIA EM PARIS. — ASPECTO DOS APOSENTOS ONDE O SHAH HABITOU.





EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A ALDEIA « CANAQUE » NA ESPLANADA DOS INVALIDOS.



## A ILUSTRAÇÃO

## AOS NOSSOS LEITORES

Temos o prazer de annunciar para muito breve aos nossos assignantes uma inovação que a **ILLUSTRAÇÃO** vai inaugurar, e que a colloca definitivamente ao par dos primeiros jornais do seu genero, de Paris e de Londres.

Esta inovação puramente litteraria e artistica é uma perfeita novidade em Portugal e Brazil; e estamos certos de que ha de ser acolhida com o mesmo interesse e a mesma sympathia com que tem sido recebidos os numeros da **ILLUSTRAÇÃO** acerca da grande Exposição Universal de Paris.

Não podemos ser hoje mais explicitos, não só porque as boas surpresas é que constituem o interesse do jornalismo, — mas tambem porquẽs não queramos dar azo a imitadores ou a concurrentes, de que nos sigam as pisadas, e nos roubem as ideias.

A grande novidade da **ILLUSTRAÇÃO** será um extraordinario melhoramento, que os assignantes nos hão de agradecer profundamente.

Mais alguns numeros, — e poderemos então desvendar o mysterio!

Que os nossos leitores se preparem para uma agradável surpresa...

**PERFUMARIA MEDICIS** Essencias, sabonetes, pós, etc. GÖTTIK, 16, Boulevard de Strasbourg, Paris

## A REVISTA DAS REVISTAS

O ENXORO DA POPULAÇÃO

**S**IR Drysdale, de Londres, fez ao congresso de hygiene uma communicação sobre a influencia da excessiva natalidade do classe pobre sobre a duração da vida.

A conclusão de sir Drysdale é que os governos devoriam desanimar a proleção das familias excessivamente numerosas, por meio d'uma multa que não excedesse 8000 reis por cada criança acima d'um maximum de quatro annos!

Duvidamos que esta proposta encontre muitos adherentes, mesmo em Inglaterra. Em França, como se sabe, anda-se ainda a estudar o meio effcaz de favorecer a produção de numerosas familias, e por cada criança acima de quatro annos, era um premio que seria conveniente poder dar.

E em Portugal tambem, onde a população diminui pelo augmento sempre crescente das correntes de emigração para o Brazil.

## NOVO CANAL

Os estudos preliminares para o corte do istmo de Peres estão já concluidos, e os trabalhos d'excavação do canal vão começar immediatamente. Duas grandes pontas de ferro reunirão a brimda ao continente.

Como se vê, a febre da perfuração dos istmos ainda não parou... E apesar de ainda ha mezes se terem perdido 14000 milhões de francos (350000 contos de reis!) na aventura de Panamá, nem por isso os capitães deixam de affluir para a abertura de novos canaes maritimos, de resultados muito problematicos.

## RECIDOS DA CONTIGUÏDÊ.

Conta o sr. Fauchier, na *Revue d'Hygiène*, o curio caso d'uma menina que queimou os cabellos e parte da cabeça com a inflammacão subita d'um pente de cellulõite, aquecido pela approximação d'um pequeno fogão de ferro onde se aqueciam fendas de engommar. A cabeça da criança estava distante do fogão 50 a 60 centimetros, no momento do desastre.

A cellulõite fabrica-se com um papel fino pyroxilado, que se pisa ou se faz em pasta com 15 a 20 por 100 de camphora, addicionado de diversas materias colorantes, depois misturado com alcool de 60 graus, e finalmente comprimido em pedacinhos espessos sob uma pressão de 150 atmospheras e a uma temperatura de 90 graus.

Pela sua composicão em pyroxilado, camphora e alcool, se comprehende como a cellulõite deva ser eminentemente combustivel. E a combustão faz-se com grande vivacidade a temperatura de 240 graus. Além de que, a cellulõite não pode supportar muito tempo a acção do calor sem se decompor subitamente.

Finalmente, os panes de cellulõite, imitação de tartaruga, como todos os objectos em cellulõite que andam á venda pelos bazares e quinquinellas, ardem com terrivel vivacidade a uma temperatura de 240 graus, e decompõem-se a uma temperatura de 260 graus.

Que os nossos leitores desconfiem dos objectos de toilette em cellulõite. O accidente que narramos podesse toonar frequenissimo, com o emprego das jampãs de alãol para frisar os cabellos.

## VICTIMAS DOS PATOS

O numero das pessoas mortas pelos ratos, em Inglaterra, durante os annos de 1830 a 1852, foi de 346, sendo 422 do sexo masculino e 101 do sexo feminino.

Os habitantes do campo pagaram um tributo mais consideravel, que os habitantes das cidades. A visinhança das costas ao sul e ao oeste d'Inglaterra e a das montanhas parece diminuir os riscos de se ser apinhado pelo rato.

Os habitantes do interior são os que mais soffrem.

## VICTIMAS DO MAR

Acaba de se organizar em Inglaterra a primeira estatística indicando o numero de pessoas que perdetam a vida em navios de commercio ou de pesca.

Conta-se cerca de 30000 victimas, n'estes dez ultimos annos, na marinha ingleza. A cifra annual dos mortos variou de 3522 em 1882 a 2071 em 1888.

## UM KNORRE BACALHAU

Acabam de pescar em Lofoten (Noruega) um bacalhau d'um volume extraordinario. Pesava 31 kilogrammas e media 1m62 de comprimento.

1m62 é um comprimento excepcional entre os bacalhaus, comprimento que só se encontra nos exemplares muito velhos. A cabeça do bacalhau que acabam de pescar media 0m42.

Além das restas de diversas fescias, encontraram-se no estomago d'este bacalhau, e quasi inteiras, as espinhas dorsaes de dois bacalhaus da tamanha regular, o que dá ideia da voracidade d'estes peixes.

## A POPULAÇÃO EM FRANÇA

Ai está em vigor a lei que exempta do pagamento das contribuições pessoal e mobiliaria o pai e a mãe de sete filhos.

Esta medida é destinada a remediar a diminuição de população em França. Mas os casos d'esta diminuição são seguramente mais complexos do que julgam os legisladores, e o numero de sete filhos é muito elevado para que a nova lei tenha uma influencia sensivel na fecundidade dos casões.

## QUESTÕES AGRICOLAS

Um projecto da lei acaba de ser submettido á câmara dos Communs, em Inglaterra, para que se dê aos alumnos das escolas primarias uma certa somma de conhecimentos agricolas elementares.

Os promotores do projecto, entre os quaes se vê o nome de sir John Lubbock, esperam d'este modo prestar alguns servicos á causa da agricultura.

## METHODO PASTEUR.

O correspondente de Roma para o *Daily News*, annuncia que a municipalidade de Roma decidio mandar construir n'aquella cidade um Instituto antirabico, segundo os methodos de Pasteur.

**PARIS** 30.30. IND. MONTMORON, 30

## GRAND HOTEL DU BRASIL ET DU PORTUGAL

No centro do Paris, perto do Opera, dos principaes estagões de trem da ferro, dos boulevards e das mais bellezas brasileiras e portuguezas. Este hotel é dirigido pelo capitão de sua familia. É o mais conveniente e mais seguro para viajantes brasileiros e portuguezes, em razão da multiplicidade de salas e das commodidades que elle oferece. **LAINE APARTES.**

**SABÃO REIL, VICKHART, SABÃO DE THIRIDACE, VIKHART, SABÃO VELOUTINE** 123, Boulevard des Filles du Calvaire, Paris

Recomendados por curatõres militares para a Higiene da Pele e Higiene do Lã.

Livraria G. REINWALD, rue des Saints-Pères, 15, PARIS.

## ACABA DE APARECER

OBRA COMPLETA

# TRAITE D'ANATOMIE HUMAINE

POR

C. GEGENBAUR

Professeur de Anatomie à l'Université de Heidelberg  
TRADUCTION SOUS LA DIRECTION DE LA COMMISSION ALLEMANDE

COM

Charles JULIN

Docteur en sciences naturelles, (Université de Heidelberg) de l'Université de Liège  
Ouvrage orné de 625 figures sur un grand nombre d'impressions à 2 et 3 couleurs  
Un fort volume in-8° de 1250 pages, cartonné à l'anglaise

Preis : 35 francs

OBRA DO MESMO AUTOR PUBLICADA PELA MESMA LIVRARIA

# MANUEL D'ANATOMIE COMPARÉE

POR

C. GEGENBAUR

Professeur de Anatomie à l'Université de Heidelberg

Com 310 gravures en bois et en fer intercaladas no texto

TRADUCTION EN FRANÇAIS SOUS LA DIRECTION DU PROFESSEUR

CARL VOGT

Un vol. gr. in-8 : 18 francs; cartonné à l'anglaise : 20 francs.





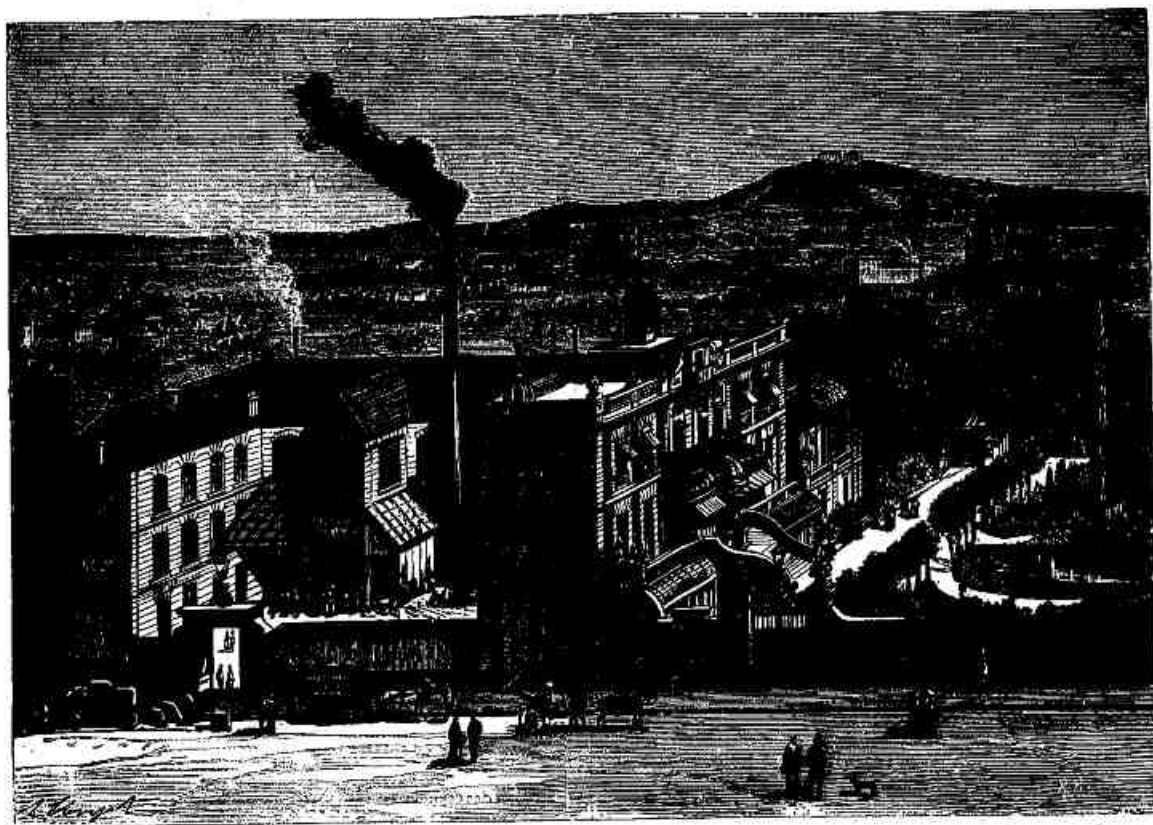




# PERFUMARIA ORIZA

## DE L. LEGRAND

FORNECEDOR DA CÔRTE DA RUSSIA E DE MUITAS CÔRTE EXTRANGEIRAS  
PARIS. — 207, rue Saint-Honoré. — PARIS.



VISTA DA FABRICA MODELO DA PERFUMARIA ORIZA L. LEGRAND  
em LEVALLOIS-PERRET (Seine)

NOVA DESCOBERTA EM SCIENCIA INDUSTRIAL POR L. LEGRAND

## Perfumes solidificados chamados concretos da Ess. Orizza

PRIVILEGIO D'INVENÇÃO S. O. D. G. EM FRANÇA E NO EXTRANJEIRO

Os perfumes de flores ou ramos da ESS. ORIZA, preparados por este novo processo, possuem uma concentração e uma suavidade desconhecidas até hoje o que permite de os fornecer aos consumidores no estado inteiramente concreto, isto é, no estado SOLIDO.

Possuem a vantagem de perfumar instantaneamente todos os objectos submetidos ao seu contacto, sem os manchar e sem os deteriorar.

Estes modelos fabricados n'um pequeno formato não são incommodos e podem-se trazer sem terem o inconveniente de se entornarem, nem de se evaporar o perfume.

Pode-se, por meio dos lapis, perfumar instantaneamente a pelle, a barba, o lenço, rendas, fitas, estôfos, luvas, todos os artigos de roupas brancas, de papelaria, flores artificiaes, etc., finalmente todos os objectos aos quaes se queira communicar um perfume.

### ESTES LAPIS ESTÃO METTIDOS :

- 1.º Em modelos, forma d'amendoas marfim e osso, em estôjos.
- 2.º Em modelos, forma de caixas d'algibeira, marfim e osso, em estôjos.
- 3.º Em modelos de crystal de diversas côres, forma d'amendoas, capsula de metal em estôjo.

- 4.º Em modelos, em metal, da forma de porte-crayon.
- 5.º Em modelos de metal, broches e ourivesaria.
- 6.º Em modelos de sachets diferentes para roupa branca e corpos de vestidos.



**ORIZA-LACTÉ**  
LAVON EMULSION  
tranquilliza e restitue a Pele  
Pour dissiper les acides

**ORIZA-VELOUTÉ**  
New-Mown-lux  
Pó de flores d'arroç  
Aderece a pelle, dando o  
avelludado do preço.



**SAVON ORIZA-VELOUTÉ**  
segundo o docteur G. Brevet,  
a mais doce para a pelle

**ESS. & ORIZA-LIS**  
Novos perfumes  
adoptados pela Fashion



### O CATALOGO-BIJOU ILLUSTRADO É MANDADO GRATIS E FRANCO

Estes productos encontram-se em França e no estrangeiro, em todos os principaes perfumistas.